ACTIO: Docência em Ciências
ISSN: 2525-8923

http://periodicos.utfpr.edu.br/actio

Travessias dissidentes: o que podem as artes no encontro com a educação e a saúde?

Anderson dos Santos Alves de Abreu
alves.andersonking@gmail.com
orcid.org/0000-0002-7975-8716
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Leonardo Maciel Moreira
leo.qt@hotmail.com
orcid.org/0000-0002-0543-9085
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

RESUMO

Este artigo discute as potências das linguagens artísticas como dispositivos de criação, reflexão e intervenção no encontro entre educação e saúde, especialmente quando atravessadas por corpos dissidentes e experiências LGBTQIAPN+, negras e periféricas. A partir de uma abordagem qualitativa e interseccional, articulamos referências dos campos da arte, educação e saúde, tencionando as normatividades e abrindo espaço para epistemologias sensíveis, poéticas e insurgentes. Trazemos três atividades realizadas com pesquisadores, profissionais da saúde e artistas, costurando o debate sobre educação e saúde e educação para sexualidades na produção de novos sentidos, configurando-se como oficinas artísticas pedagógicas e a construção de uma exposição. Esse trabalho é uma análise dos avanços com a PREP e PEP e das possibilidades de criação artística no campo da educação e da saúde para a população LGBTQIAPN+ no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: arte; educação; saúde; dissidências; interseccionalidades.

Dissident crossings: what can the arts do in their encounter with education and health?

ABSTRACT

This article discusses the potential of artistic languages as devices for creation, reflection, and intervention in the encounter between education and health, especially when intertwined with dissident bodies and LGBTQIAPN+, Black, and peripheral experiences. Using a qualitative and intersectional approach, we articulate references from the fields of art, critical education, and health, challenging normativities and opening space for sensitive, poetic, and insurgent epistemologies. We present three activities conducted with different audiences, interweaving the debate on education and health and education for sexualities in the production of new meanings through pedagogical artistic workshops and the construction of an exhibition. This research is based on a qualitative approach, of a theoretical-reflective and exploratory nature, with the objective of understanding the intersections between art, education and health. This work is an analysis of the advances with PREP and PEP and the possibilities of artistic creation in the field of education and health for the LGBTQIAPN+ population in Brazil.

KEYWORDS: art; education; health; dissidences; intersectionalitie

INTRODUÇÃO

> **“**A dissidência corporal é produzida socialmente como uma ameaça à ordem”.
>
> Berenice Bento

Vivemos em um contexto em que as disputas por narrativas, saberes e práticas se tornam cada vez mais evidentes, especialmente nos campos da educação e da saúde. Ambos carregam, historicamente, projetos civilizatórios ancorados em epistemologias normativas, que operam na regulação dos corpos, dos saberes e das existências, muitas vezes, apagando experiências que escapam às lógicas cisheteronormativas, colonialistas e racistas. Nesse cenário, emergem práticas e epistemologias insurgentes que rompem com essas normatividades, propondo outras formas de existir, aprender, cuidar e produzir conhecimento.

É nesse campo discursivo que este artigo se inscreve, buscando refletir sobre as potências das linguagens artísticas como dispositivos de criação, intervenção e reflexão no debate contemporâneo sobre educação e saúde. As artes, enquanto práticas estéticas e políticas, se apresentam não apenas como expressões sensíveis, mas também como mediadoras capazes de deslocar regimes de saber, desestabilizar verdades instituídas e abrir brechas para a emergência de epistemologias encarnadas nos corpos e nas experiências dissidentes.

Partimos da compreensão de que os corpos que ocupam os espaços da arte, da educação e da saúde não são neutros, mas marcados por inscrições de gênero, raça, sexualidade, classe e território. Corpos dissidentes negros, indígenas, lésbicas, gays, bissexuais, trans e travestis, queer, interessexo, passexual, não binário e mais - LGBTQIAPN+ periféricos, pessoas com deficiências têm, historicamente, sido objeto de práticas de silenciamento, controle e patologização. No entanto, são esses mesmos corpos que, ao reivindicarem seus lugares de fala e existência, ressignificam esses espaços, produzindo saberes outros que atravessam e reconfiguram práticas educativas e de cuidado.

Este artigo reflete sobre os atravessamentos entre arte, educação e saúde a partir de experiências práticas e sensíveis que mobilizam linguagens artísticas como dispositivos de cuidado, formação e resistência. Apresentamos em um primeiro momento os percursos metodológicos, detalhamos a abordagem qualitativa que guiou a pesquisa e ressaltamos os desdobramentos das oficinas e da exposição como práticas emancipatórias, capazes de articular estética, política e ética na promoção de uma educação e saúde sensíveis às diferenças e à poética da vida.

A epidemia de HIV/Aids, identificada no início da década de 1980, produziu não apenas uma crise sanitária global, mas também um complexo campo de disputas sociais, políticas e culturais em torno da vida, da sexualidade e do controle dos corpos. Desde seus primeiros registros, a doença foi fortemente marcada por processos de estigmatização, sobretudo direcionados a populações historicamente marginalizadas, como homens gays, pessoas trans, pessoas negras e indivíduos em contextos de vulnerabilidade social. Esse enquadramento moralizante contribuiu para a construção de imaginários sociais que associavam o HIV/Aids à culpa, ao desvio e à morte, produzindo o que autores têm descrito como um regime de estigma e sorofobia que atravessa as experiências das pessoas que vivem com HIV (Bastos, 2020).

No primeiro momento, apresentamos a oficina de audioperformance, realizada na VII Mostra de Práticas de Promoção da Saúde da UFRJ, em que vozes, relatos e sons urbanos se entrelaçaram para provocar reflexões sobre Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, especialmente diante dos desafios e possibilidades do acesso à PREP – Profilaxia pré-exposição e PEP – Profilaxia pós-exposição. O trabalho passa a compreender as tecnologias de prevenção não apenas como instrumentos biomédicos, mas também como dispositivos capazes de tensionar estigmas historicamente associados às pessoas vivendo com HIV/Aids, especialmente aquelas pertencentes a populações LGBTQIAPN+, negras e em situação de vulnerabilidade social.

Nesse sentido, dialogamos com perspectivas de educação em saúde menor (Bastos, 2020) e com reflexões sobre educações menores em HIV/Aids, que propõem deslocar abordagens normativas e biomédicas para práticas educativas sensíveis às experiências, afetos e modos de vida. Além disso, ampliamos o diálogo com pesquisas que articulam ciência, arte e educação, compreendendo tais campos como forças capazes de produzir outras narrativas sobre o HIV/Aids e contribuir para o enfrentamento da sorofobia (Franco Carvalho et al., 2025; Carvalho, 2024).

Ao articular referências da educação crítica (Freire, 1996); (Vasconcelos, 2009), da saúde coletiva (Deslandes, 2000); (Brasil, 2013) e dos estudos sobre performatividade, estética e dissidência (Butler, 2003); (Rancière, 2009); (Preciado, 2014), trazemos uma reflexão sobre as travessias possíveis entre arte, educação e saúde. Entendemos que as práticas artísticas não são meros adornos ou recursos ilustrativos no campo educativo ou nos processos de cuidado, mas sim potentes dispositivos políticos, pedagógicos e afetivos.

Diante disso, este artigo se constrói a partir de uma abordagem qualitativa, interseccional (Akotirene, 2018) e teórico-reflexiva, com o objetivo de problematizar: o que podem as artes no debate em educação e saúde? Mais do que buscar respostas fechadas, interessa-nos abrir campos de experimentação, imaginar outros futuros possíveis e afirmar a partir de Leda Maria Martins (2021) em sua obra “Performances do Tempo Espiralar: poéticas do corpo-tela”, na encruzilhada entre corpos, linguagens e territórios que se forjam outras epistemologias. Ao analisar experiências de oficinas em mediações artísticas, buscamos olhar para o tema da saúde a partir de um contexto racial, de gêneros e sexualidades.

Em seguida, no segundo momento da escrita do texto, analisamos a oficina colagem de produção de conhecimento que se propõe construir epistemologias outras e abre espaço para a expressão de subjetividades.

Falar de linguagem artística, educação e saúde, exige de nós reconhecermos que esses campos não estão dissociados da vida, dos territórios e das disputas sociopolíticas que atravessam os corpos e as coletividades. Quando Deslandes (2002) afirma que “não se pode falar de saúde sem falar de cultura”, convoca-nos a compreender a saúde não apenas como ausência de doença, mas como construção social, cultural, subjetiva e coletiva.

Nesse sentido, através da estética, da sensibilidade e da experimentação, a arte produz deslocamentos capazes de abrir fissuras nos modos hegemônicos de perceber, sentir e se relacionar com o mundo. Como defende Dewey (2010), “a

arte permite construir outros modos de perceber, sentir e existir no mundo", portanto, ela não é mero produto, mas um campo de produção de conhecimento, de afetação e de transformação.

Neste próximo percurso do texto, discutimos a exposição "Corpos em Trânsitos"**,** no Centro Cultural do Ministério da Saúde, que reuniu obras de artistas dissidentes e propôs um percurso sensível de deslocamentos de olhares, impactando profissionais da saúde e aproximando do sensível, do político e do ético.

Ao se apresentar como mediadora, a arte questiona as hierarquias do saber, rompe com as dicotomias entre razão e emoção, corpo e mente, sujeito e objeto, teoria e prática. Ela convoca a presença dos corpos, das experiências sensoriais e das narrativas marginalizadas como fontes legítimas de saber e de construção de mundo. Nesse processo, tanto a educação quanto a saúde podem ser ressignificadas, deslocando-se de práticas normativas para se tornarem territórios de invenção, cuidado e liberdade.

No campo da saúde, as práticas artísticas podem operar como cuidado ampliado, afetando os modos de escuta, acolhimento e produção de subjetividade. Na educação, as mediações artísticas se configuram como práticas de libertação, descolonização e reconhecimento das diferenças. Ambas, saúde e educação, quando atravessadas pela estética, tornam-se espaços onde a imaginação política é acionada, permitindo criar mundos outros, reconfigurar os sentidos do viver e do cuidar.

Nesta próxima parte do artigo, sistematizamos as reflexões sob o título "Experiências, linguagens e saberes dissidentes como travessias", destacando como práticas artísticas instauram modos outros de existir, aprender e cuidar, produzindo saúde ao deslocar normas e afirmar a vida em sua multiplicidade.

Por isso, para pensar técnicas, gestos, elementos como práticas mediadoras na educação e saúde, vamos observar que não há neutralidade e hierarquização na produção de saber, no cuidado e na aprendizagem. Reconhecendo que os processos educativos e os processos de saúde são também processos culturais, subjetivos e políticos, e que a arte, ao produzir outra sensibilidade, é capaz de abrir caminhos para práticas mais inclusivas, afetivas, emancipatórias e sensíveis às existências.

Em todas as atividades desenvolvidas, as rodas de conversa, junto ao diário de campo foram adotadas como metodologia fundamental ao final das produções artísticas, configurando-se como um espaço de partilha e elaboração coletiva das experiências vividas. Essa escolha metodológica se ancora na perspectiva da educação dialógica de Paulo Freire (1996), que compreende o diálogo como prática libertadora e condição para a construção de saberes significativos, especialmente quando articulado às vivências concretas dos sujeitos.

Neste artigo buscamos refletir sobre os atravessamentos das práticas artísticas no debate sobre saúde e educação, a partir de uma oficina e outras experiências em artes, que se desdobram em analisar como as práticas artísticas podem atuar como mediadoras no campo da educação e da saúde; compreender de que modo as experiências tencionam as cisnormatividades de gênero, raça e sexualidades presentes nas práticas de cuidado; identificar na produção de colagem e

audioperformance as articulações com conceito de arte, educação e saúde, a partir de perspectivas dissidentes e interseccionais.

PERCURSOS METODOLÓGICO

A presente pesquisa se constitui a partir de uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-reflexiva e exploratória, com o objetivo de compreender os atravessamentos entre arte, educação e saúde a partir de uma perspectiva interseccional, especialmente centrada nas experiências de corpos dissidentes. O diário de campo como conceituado por (Bogdan & Biklen 1994, p. 151), foi utilizado como recurso, assim, ao anotar não apenas os acontecimentos objetivos, mas também os afetos, tensões e deslocamentos provocados pelas experiências, o diário se configurou como ferramenta de análise crítica, permitindo compreender as práticas em sua complexidade e em suas dimensões subjetivas e coletivas.

Esse trabalho é uma análise dos avanços com a PREP e PEP e das possibilidades de criação artística no campo da educação e da saúde para a população LGBTQIAPN+ no Brasil, reconhecendo que, apesar dos princípios de universalidade e equidade que orientam o Sistema Único de Saúde (SUS), a realidade ainda é marcada por profundas desigualdades estruturais, práticas discriminatórias, preconceitos e pelo despreparo de muitos profissionais para o atendimento às demandas dessa população. Foram propostas rodas de conversa mediadas por oficinas artísticas de audioperformance, colagem e fotografias para exposição.

A insurgência nessa discussão emerge da importância de ampliar nos estudos de saúde o diálogo aprofundado em educação para sexualidades, distante de uma lógica higienista e preventiva somente (Falkenberg, et al, 2014), sobretudo, como um campo transdisciplinar e multifacetado na educação e saúde.

AUDIOPERFORMANCE: ARTE, EDUCAÇÃO E SAÚDE

A oficina foi realizada no âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Políticas Estudantis – PR-7/UFRJ. A proposta nomeada de “Tessituras dos desafios e possibilidades em torno dos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos – DSDR para a juventude negra LGBTQIAPN+ no Brasil” foi selecionada na “VII Mostra de Práticas de Promoção da Saúde” que ocorreu de forma remota através do Google Meet, visando oferecer aos estudantes oficinas e formações práticas em saúde.

Totalizaram 430 inscrições de todas as atividades previstas na programação da “VII Mostra de Práticas de Promoção da Saúde” da UFRJ/PR7, foram ofertadas 20 vagas para oficina que teve como proposta, a audioperformance que emergiu como um corpo-sonoro coletivo, entrelaçando relatos pessoais, trechos poéticos, sons urbanos que ecoavam vivências marcadas por silêncios, descobertas e resistências.

A oficina teve como objetivo envolver as pessoas interessadas nos temas Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos – DSDR (Angnose & Lago, 2017). Numa reflexão sobre o papel social dos coletivos, entidades representativas e as redes de apoio e afeto constituídas pelo movimento negro e LGBTQIAPN+ ao longo da

história, por exemplo, como espaços para formação e prática de promoção da saúde, além de serem fundamentais para os avanços nas políticas públicas de saúde no Brasil.

A oficina se desdobrou a partir das provocações sobre os avanços e impeditivos relacionados a distribuição de PREP – Profilaxia pré-exposição e PEP – Profilaxia pós-exposição, pelo SUS (Veloso & Pimenta, 2024), que vêm sendo alternativas eficazes para o combate à epidemia de HIV, e estreia novas perspectivas sobre cuidados em saúde à medida que coloca em "cheque" estigmas históricos associados à população LGBTQIAPN+.

Dos estigmas, podemos citar a patologização das identidades LGBTQIAPN+, como a antiga classificação da homossexualidade e da transexualidade como doenças, a associação moralista com a promiscuidade e com doenças, especialmente o estigma em torno do HIV/Aids, a invisibilidade e a negligência institucional, com a falta de protocolos específicos e profissionais capacitados; a violência simbólica e discriminação nos serviços de saúde, gerando medo, afastamento e abandono do cuidado; e a negação da autonomia sobre corpos e escolhas, especialmente em relação à saúde reprodutiva e transgeneridade.

A organização geral se dá no interesse entre jovens pesquisadores pelo debate em educação e saúde. A ideia inicial surge do acolhimento pensado em possibilitar um espaço de confiança e pertencimento, fundamental quando se trata de discutir direitos, sexualidade e saúde em populações historicamente marcadas por preconceitos e exclusões. A audioperformance desempenhou o papel de dispositivo sensível, trazendo narrativas corporais e sonoras que tencionam o imaginário social em torno do HIV, da PrEP e da PEP. O recurso artístico foi intencionalmente colocado no início da oficina como estratégia de sensibilização, uma vez que a arte amplia a escuta.

Na sequência, a roda de conversa foi organizada como espaço de análise coletiva, permitindo que as falas da audioperformance fossem ouvidas. A etapa de sistematização coletiva teve como objetivo registrar e organizar as contribuições do grupo em um mapa de desafios e possibilidades, consolidando visualmente as aprendizagens produzidas e reforçando a dimensão de construção coletiva do conhecimento. Por fim, o encerramento foi planejado como momento de devolutiva e reflexão, em que as ideias foram retomadas e ressignificadas a partir da questão orientadora: "Que caminhos podemos fortalecer no cotidiano para a efetivação dos Direitos Sexuais e Reprodutivos da juventude negra LGBTQIAPN+?".

Assim, a organização da oficina refletiu a opção metodológica por um percurso que parte do acolhimento e da sensibilização artística, avança para o debate crítico e se conclui na produção coletiva de sentidos. Valorizando o caráter transdisciplinar entre arte, saúde e educação como via de promoção dos Direitos Sexuais e Reprodutivos no contexto brasileiro.

Trouxemos na roda de conversa os avanços no que se refere a prevenção, que sugere as novas alternativas possíveis para adesão a PREP e PEP e, perpassamos por informações sobre os serviços de atendimento aos serviços de atenção primária no Sistema Único de Saúde – SUS (exames de rotinas, consultas médicas e verificar os sinais vitais). As pessoas envolvidas nessa oficina inicialmente

mencionaram preconceitos e informações sobre HIV, PrEP e PEP enraizadas em discursos morais e racistas. Ainda persiste o imaginário de que PrEP é apenas para "certos corpos", o que exclui outras populações da adesão. O que mais apareceu nos discursos é a desinformação, as barreiras institucionais e os desafios do trabalho transdisciplinar entre profissionais da educação, saúde e arte.

Figura 1

QRCode: Audioperformance da Oficina

"DSDR na Semana da Saúde do Estudante", (UFRJ PR7, 2024)

> "Cara, na vida a gente aprende vivendo. E aí não foi diferente, né? Nas práticas e assim, nas minhas primeiras relações sexuais. Aonde ali, mesmo que sem orientação, sem nenhum tipo de informação, as interações já aconteciam. Era uma coisa muito natural, sabe? Orgânica, assim. Quase que automático. Já senti um desejo, uma vontade, um tesão, rolava ali uma coisa que pulsava, sabe? A vontade, o ato, o toque, enfim. E aí eu fico pensando que se houvesse, assim, um mínimo de orientação, um mínimo de informação sobre como esse ato, esse desejo, essa vontade, de como isso surge, de como a gente lida com tudo isso, não acho que eu teria vivido menos riscos. Mas, assim, ficando pensando aqui sobre direito, né? De desfrutar dos prazeres da vida, de viver o seu tesão plenamente. Fiquei pensando que na primeira relação sexual, eu não sabia nem como manipular um preservativo, você acredita? Ninguém nunca me disse, assim, como se colocava uma camisinha, um no pênis, falando de um falo, né? Também tô falando desse lugar. E aí, nem em casa, nem na escola, tão pouco na igreja, era o lugar por onde eu frequentava. E aí eu me recordo também que nesse primeiro momento, a pessoa com quem eu estava dizia colocar meu preservativo, mas não fazia isso. de modo que eu não percebia. De fato, tinha o nome preservativo. E aí o que me chama atenção... Enfim, não é... só a atitude maldosa dessa pessoa, mas a falta de orientação, o que como disse, não é essa submissão. Já sei ceder, ou talvez já aceitar. Enfim, é, só depois eu descobri que tem como foder sem correr risco." (Performance 1, Audioperformance, 2024).

Buscamos nessa intervenção provocar as pessoas envolvidas a vivenciarem uma experiência sonora de uma audioperformance que foi previamente gravado e transmitido durante a oficina. Utilizamos trechos de notícias e reportagens recentes, dos últimos cinco anos, publicadas em território nacional, sobre os programas relacionados à distribuição da PREP e PEP. No segundo ato, fizemos um apanhado sobre o conceito e a perspectiva ética de 'Justiça Reprodutiva', principais diretrizes e sua importância para as pautas históricas dos movimentos de mulheres negras e da população LGBTQIAPN+ em nossa sociedade.

> "Ai, amigo, é difícil, né? Enquanto você tava falando, a minha cabeça foi longe. Fiquei nostálgica. E fiquei lembrando que você começou a frase dizendo que... Ah, a gente aprende vivendo. E eu sinto que, na verdade, o que aconteceu comigo foi que, com o tempo, eu fui desaprendendo. Porque a vida ela não tá carregada de ensinamentos assim por si só, né? A gente vai tendo que criar estratégias pra chegar até o lugar onde a gente realmente se informa, do jeito certo. E eu acho

> que a sua trajetória é tão parecida com a minha e tão parecida com as pessoas que já cruzaram o meu caminho. Quando eu era nova na Escola Municipal, teve um projeto de educação sexual, e a professora de Ciências, ela passou várias atividades pra gente e a gente se dividiu em grupos. Eu lembro que em uma colega a gente foi até a clínica da família que era perto da escola e pediu orientação sobre camisinhas, sobre, enfim, de uma forma geral, preservativos. Porque a gente iria falar sobre as ISTs. Na época era até doença sexualmente transmissível. E eu lembro que foi a primeira vez que eu tive contato com a camisinha porque eu tava indo fazer um projeto da escola sobre isso. Então fazia sentido, eu compreender a partir daí, da educação. Só que era algo tão descontextualizado da minha vivência. Porque dentro de casa sexualidade não era um tema que a gente podia discutir. Não era algo que ficava em pauta. E aí a adolescência foi chegando, eu fui entendendo também que a minha sexualidade era muito maior e mais complexa do que eu imaginava que seria, enquanto uma mulher bissexual. O contexto de usar preservativo, por exemplo, num sexo entre os dois. Num contexto de pobreza, de racismo, de LGBTQIAPN+fobia, será que existe autonomia? Será que existe a dimensão do direito, de fato? Porque eu fico pensando que antes de pensar em direitos, a gente vai precisar falar sobre justiça social". (Performance 2, Audioperformance, 2024).

Uma jovem negra narrou a descoberta da PrEP não como uma medicação, mas como um gesto de autocuidado e ancestralidade, rompendo com o medo e a culpa sexual herdados. Do outro lado, uma outra pessoa negra não binária compartilha as barreiras enfrentadas no posto de saúde, a desinformação e ausência da orientação familiar, denunciando o desconhecimento também dos profissionais.

Transformando essas informações sobre PrEP e PEP em narrativas é que colocamos no centro do debate a justiça reprodutiva como prática de liberdade. Justiça Reprodutiva como um conceito que articula direitos humanos, justiça social e autonomia corporal**,** defendendo que todas as pessoas tenham liberdade e condições reais**.** Se reconhece que a mera existência legal de direitos (como o aborto ou o acesso à contracepção) não garante que todas as pessoas possam exercê-los**,** pois há racismo, desigualdade de renda, transfobia, violências simbólicas e religiosas que limitam concretamente essas possibilidades.

A audioperformance foi construída por Anderson Alves e Ana Clara Xavier, ambos, pessoas negras e dissidente, profissionais da educação e da saúde, a intervenção revelou vivências marcadas por silêncios institucionais, desinformação e descobertas dolorosas. Em relatos intensos, corpos jovens narraram o início de suas trajetórias sexuais atravessadas pela ausência de orientação, por riscos evitáveis e por um desejo pulsante que, embora legítimo, se viu privado do direito ao cuidado. A primeira voz-performance evidencia uma iniciação sexual sem acesso ao básico: o uso correto do preservativo, o consentimento informado, o reconhecimento do próprio desejo como direito. Já a segunda voz-performance, emerge uma reflexão potente sobre o "desaprender" que a vida impõe quando não se vive em contextos que garantem educação sexual integral, justiça social e autonomia.

As participantes da oficina falaram das curiosidades, dos tabus que giram em torno do tema, da urgência de práticas educativas que reconheçam a complexidade dos corpos, desejos e vulnerabilidades, especialmente das juventudes LGBTQIAPN+, negras e periféricas. A oficina se desdobrou em um bate-papo sobre

a importância das artes na construção de experiências práticas no cuidado. Abrimos um diálogo ao final da oficina, para identificar as percepções das participantes e, das questões elencadas, surgiram informações relevantes no que tange o acesso aos serviços de saúde.

> Muitos livros ilustram o assunto educação sexual com o corpo de um homem, seja para introduzir o assunto, ou seja para os métodos contraceptivos – geralmente, quando os preservativos são citados, o masculino é o único ilustrado, isso quando não é o único mencionado. Uma forma, então, de mudar essa abordagem dos livros e ir além, poderia se dar por meio de materiais de outras fontes, que tratem sobre sexualidade, corpo e gênero e que apontem para sentidos mais amplos e menos normatizadores. (Schölsse & Pereira, 2018, p.286)

Destaco que no diário de campo, registro que o Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas - INI FIOCRUZ foi mencionado como principal espaço de acolhimento às pessoas LGBTQIAPN+ da cidade do Rio de Janeiro, atendendo integralmente, respeitando as identidades de gênero e a orientação sexual dos usuários. Levantou-se o debate sobre a importância de a universidade pública estabelecer um diálogo horizontal com os temas “transversais”, dando vez e voz aos corpos marginalizados.

COLAGEM NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: PRÁTICAS EMERGENTES E POSSIBILIDADES EMANCIPATÓRIAS

Essa oficina de colagem na produção de conhecimento, proposta e realizada durante o VIII Encontro Nacional de Ensino de Ciências, da Saúde e do Ambiente, no campus da UFRJ em Macaé, sugeriu a comunidade acadêmica uma experiência prática e sensível, na qual a produção artística se constituiu como um potente dispositivo de reflexão e construção de conhecimento. Através da colagem, os participantes foram convidados a experimentar a sobreposição de imagens, palavras e materiais diversos, ativando processos criativos que possibilitam ressignificar saberes e vivências no campo da educação e da saúde. A proposta foi realizada com 7 estudantes mulheres de diferentes níveis de escolaridades (graduação, mestrado e doutorado), a oficina tinha como objetivo propor uma criação prática.

As colagens foram representadas em papel pardo, reforçando racialmente que pardo é papel! As colagens realizadas por estudantes mulheres durante a oficina no ENECiências, na UFRJ Macaé, revelam uma potente experimentação estética e política no campo da produção de conhecimento. A proposta de utilizar a linguagem artística da colagem como meio de expressão acadêmica possibilitou o entrelaçamento de vivências pessoais, críticas sociais e temáticas de pesquisa em uma forma sensível e insurgente de narrar o mundo.

Figura 2

Oficina de Colagem, ENECiências UFRJ NUPEM



Fonte: Acervo do pesquisador, 2025

Cada composição manifesta uma multiplicidade de vozes e corpos atravessados por marcadores de gênero, raça, classe e território. Através de fragmentos de imagens e palavras recortadas de revistas, as pesquisadoras constroem narrativas visuais que questionam a violência simbólica das estruturas acadêmicas, ao mesmo tempo em que afirmam resistências. Elementos como a denúncia do assédio, a defesa da educação, o enfrentamento ao preconceito, os atravessamentos alimentares e a ancestralidade negra emergem como temas centrais, em diálogo com os campos da educação, saúde, direitos humanos e justiça social.

As colagens funcionam como dispositivos de escuta e elaboração coletiva. Elas evidenciam uma epistemologia contracolonial segundo Antônio Bispo dos Santos (2023) que tenciona o cânone científico tradicional, propondo outras formas de pensar, sentir e produzir saber. Nesse contexto, a oficina não apenas promoveu a expressão criativa, mas também ativou o espaço universitário como território de afetos, disputas simbólicas e, onde a arte é ferramenta crítica, pedagógica e política.

Figura 3

Oficina de Colagem, ENECiências UFRJ NUPEM



Fonte: Acervo do pesquisador, 2025.

As produções dos participantes revelaram a recorrência de imagens e palavras associadas ao corpo, ao cuidado, à natureza, às redes de apoio e à diversidade de experiências no campo da educação e da saúde. Elementos como mãos entrelaçadas, fragmentos de corpos, plantas, caminhos e palavras relacionadas à escuta, resistência e transformação apareceram como metáforas visuais nas composições.

A técnica da sobreposição permitiu articular diferentes camadas de sentidos, conectando vivências pessoais, referências acadêmicas e sensibilidades coletivas. O uso do papel pardo como suporte reforçou uma estética de experimentação e abertura, valorizando a materialidade do processo criativo. Dessa forma, a colagem se constituiu como uma forma sensível e insurgente de narrar o mundo, possibilitando outras maneiras de produzir e compartilhar conhecimento no entrecruzamento entre educação e saúde.

Figura 4

Oficina de Colagem, ENECiências UFRJ NUPEM



Fonte: Acervo do pesquisador, 2025.

Essa prática rompe com os modelos tradicionais de ensino, ao valorizar o sensível, o simbólico e as expressões subjetivas, criando espaços de diálogo entre ciência, arte e vida. A oficina permitiu que diferentes olhares sobre os temas da saúde, do ambiente e das práticas educativas emergissem, estimulando reflexões críticas sobre os desafios contemporâneos nesses campos, que tomara como registros o diário de campo.

A utilização da colagem como metodologia ativa se articula com uma perspectiva de educação que reconhece o papel das linguagens artísticas na produção de sentidos e na construção de conhecimentos integrados, interdisciplinares e situados (Barros, 2019). Assim, a atividade reafirma o potencial da arte como mediação, como uma ciência que amplia a percepção, o cuidado de si e do outro, e a sensibilização para as questões socioambientais e de saúde coletiva.

No campo da saúde a lógica biomédica centrada num sistema binário e na patologia construiu ao longo do tempo práticas que frequentemente ignoram as dimensões culturais, artísticas, subjetivas, afetivas e sociais dos sujeitos. Da mesma forma na educação, as pedagogias tradicionais se organizaram pela

hierarquização do saber, pela dicotomia entre quem ensina e quem aprende, e pela desconsideração dos saberes oriundos dos territórios das experiências de vida e das culturas populares e periféricas.

Apesar desse histórico, tanto a saúde quanto a educação são também territórios de disputa, onde emergem possibilidades emancipatórias e contra-hegemônicas. A educação popular, profundamente influenciada pelo pensamento de Paulo Freire (1987), surge como uma dessas forças insurgentes, ao propor uma pedagogia dialógica, horizontal e libertadora, que reconhece nos sujeitos especialmente nos sujeitos historicamente marginalizados a capacidade de produzir conhecimento e transformar sua realidade. Como aponta Vasconcelos (2009), a educação popular constrói-se na valorização dos saberes locais, na construção coletiva do conhecimento e no fortalecimento dos sujeitos como protagonistas de seus próprios processos de formação.

Figura 5

Oficina de Colagem, ENECiências UFRJ NUPEM



Fonte: Acervo do pesquisador, 2025.

Essa atividade prática, foi conduzida a partir das pesquisas em desenvolvimento das estudantes que estiveram na atividade, buscando uma criação coletiva de colagem, as participantes compartilharam suas pesquisas, seus processos metodológicos de suas investigações a partir de um repertório de imagens que foram expostas na sala, nesse sentido, nos desafiamos a produzir uma colagem colaborativa, com utilizando um rolo de papel pardo e com a produção de colagem na horizontal. Após a produção de colagem, com uso de imagens, figuras e recursos (cola, papel, tesouras, canetinhas e lápis de cor) que foram disponibilizados, dialogávamos sobre técnicas no uso dos insumos.

Falamos sobre como cada experiência com os recortes das imagens, notando que a prática com materiais visuais produz um distanciamento no contexto acadêmico de pesquisas científicas. Numa troca contínua com as pessoas envolvidas na oficina, elas relataram nunca terem produzido colagem, ou se criaram, foi na infância. Reafirmaram as diversas possibilidades que surgem com a colagem de construir uma narrativa e apresentar um tema de pesquisa, das possibilidades dos

usos dos materiais que sobrepõe aos outros, resultando em uma representação estética.

CORPOS EM TRÂNSITOS: EDUCAÇÃO, SAÚDE, ARTES EM SUAS POTÊNCIAS

A terceira experiência que analisamos é uma exposição no Centro Cultural do Ministério da Saúde na cidade do Rio de Janeiro – CCMS. A edição de junho de 2025 do "Cineclube: Saúde e Diversidade" convidou o público a adentrar uma exposição que é, antes de tudo, um gesto político e afetivo, reunindo obras de artistas LGBTQIAPN+ que colocam no centro da imagem corpos, subjetividades e insurgências que rompem com as normas de gênero, sexualidade e representação dominantes.

Figura 6

Fotografia



Fonte: Acervo do Pesquisador - Fotografia Liege Santos, TESO Rio de Janeiro, 2025.

"Corpos em Trânsito" propôs um percurso sensível com trabalhos de Rainha F. Bruma Machado, Marla Ferreira, Renê Abreu, Liege Santos, Jonathan Fonseca e Felipe Barros, que desestabilizam o olhar e deslocam o que historicamente foi silenciado. As obras que foram partes de uma curadoria não apenas representam corpos dissidentes, elas são manifestações de resistência e de outra existência, dentro e fora das molduras institucionais.

Paulo Sérgio Rebelo, coordenador do Ambulatório Trans João W. Nery, em Niterói, compartilhou a experiência no serviço, que atende cerca de 800 pessoas. A unidade, que recebe o nome do professor e psicólogo João Walter Nery, membro fundador da Associação Brasileira de Homens Trans, conta com uma equipe formada por profissionais de saúde de várias especialidades que atuam em processos de hormonização, atendimento psicológico, construção da proximidade e integração da cidadania, oque trouxe em seu relato sobre a exposição, reflete "gostaria muito que outros municípios tivessem a iniciativa de também implementar um serviço como nosso. Acho que os movimentos sociais devem pressionar suas prefeituras para isso".

Figura 7

Visitantes da Amostra



Fonte: Fotografia: Gustavo Maia Ascom - Sems Rio de Janeiro, 2025.

Uma enfermeira da rede pública destacou que a exposição amplia a compreensão sobre os sujeitos atendidos cotidianamente no SUS. Segundo ela, “as imagens e narrativas presentes na exposição nos lembram que os corpos que chegam aos serviços de saúde carregam histórias, identidades e trajetórias que muitas vezes não são reconhecidas pelos protocolos clínicos”.

A exposição se construiu como desdobramento e ampliação das discussões propostas pelo Cineclube, criando pontes entre audiovisual, artes visuais e política. Todo processo curatorial, das escolhas das obras para exposição, e dois filmes que ampliaram o repertório da programação como um espaço plural, apontava para um tema que desse direito à visibilidade, à escuta e à multiplicidade de existências, nas dependências do Centro Cultural do Ministério da Saúde (CCMS/CGDI/SAA/SE), promovido pelo Departamento de Gestão Hospitalar (DGH).

Vale destacar que essa foi uma programação prevista para profissionais da saúde da cidade do Rio de Janeiro, o desdobramento dessa experiência com esses profissionais da saúde foi marcado por percepções profundas e mobilizadoras. As obras provocaram uma ressignificação de seus olhares sobre os corpos que atravessam seus atendimentos no SUS, especialmente os corpos que habitam dissidências. Criei um diário de campo durante a montagem da exposição, nele eu fui registrando questões relacionadas as obras, mas também a expografia do espaço.

Durante a abertura do cineblube, com as apresentações iniciais da organização e dos convidados, realizei registro nesse diário durante os momentos de falas. A arte funcionou como disparadora de memória, empatia e crítica, abrindo caminhos para reconhecer violências institucionais naturalizadas, assim como potências de cuidado mais amplas, interseccionais e humanizadas. Os dados foram gerados a partir da própria experiência vivida na exposição que reuniu profissionais da saúde em um percurso sensível de fruição estética, incluindo a exibição de filmes e palestras com convidados e momento de debate.

As interações com os trabalhos artísticos provocaram reflexões sobre racismo estrutural, capacitismo, LGBTfobia e os epistemicídios dentro das práticas de saúde. Esses profissionais no dia da abertura compartilharam experiências pessoais tocadas pelas obras e relataram a urgência de repensar suas escutas e atendimentos cotidianos, eles relatos foram manifestados durante as mesas de abertura e foram registrados no diário de campo. Muitos destacaram que a mostra favoreceu uma reconexão com os princípios da equidade e da integralidade do SUS, ao aproximar o fazer clínico do sensível, do político e do ético.

EXPERIÊNCIAS, LINGUAGENS E SABERES DISSIDENTES

As travessias que conectam arte, educação e saúde são construídas a partir de experiências que desestabilizam as lógicas normativas e produzem saberes outros, enraizados nas potências da dissidência, da coletividade e da invenção. Essas práticas não apenas resistem às violências simbólicas, institucionais e materiais que historicamente operam sobre corpos LGBTQIAPN+, negros, indígenas e periféricos, como também afirmam a possibilidade de existir, criar e cuidar fora dos moldes da normatividade.

Quando Fanon (2008, p. 93) afirma que “o corpo é o primeiro território de disputa”, reconhecemos que é nele que se inscrevem as marcas do racismo, da LGBTQIAPN+fobia, do colonialismo e das opressões estruturais, mas também é nele que se gestam as potências de resistência e de reinvenção. Assim, práticas que cruzam arte, educação e saúde tornam-se espaços de elaboração coletiva de cuidado, de aprendizagem sensível e de produção estética da vida.

Como nos lembra Preciado (2014), “a dissidência não é apenas resistência, mas produção de outras formas de vida”. Nessa perspectiva, as linguagens artísticas não operam apenas como crítica às normas, mas como afirmação de mundos outros, que se constroem na experimentação dos afetos, dos corpos e das relações. A arte, nesse contexto, produz saúde na medida em que promove encontros, desloca sensibilidades e rompe com as práticas de adoecimento geradas pela exclusão, pelo preconceito e pela violência estrutural.

Portanto, as travessias dissidentes são, antes de tudo, práticas de invenção: construção de saberes, de estéticas e de pedagogias que desafiam as fronteiras instituídas entre arte, educação e saúde. São experiências que reafirmam que o cuidado não está dissociado da criação, que o aprender não se separa do sentir e que a estética, quando atravessada pela política, é capaz de produzir transformações profundas nos modos de existir, de ensinar e de cuidar.

As rodas permitiram que participantes, pesquisadoras, profissionais da saúde e artistas pudessem elaborar percepções, afetos e críticas suscitadas pelas obras e processos criativos, promovendo um cuidado em rede entre palavra, escuta e sensibilidade. Como propõe bell hooks (2018), o diálogo é central nos espaços educativos transformadores, pois instaura relações horizontais e reconhece as múltiplas vozes e saberes presentes.

Além disso, o uso das rodas como dispositivo metodológico se insere no campo das pesquisas-formação, nas quais a arte é compreendida como linguagem potente para produzir conhecimento, e não apenas ilustrar teorias (Nogueira e

Jesus, 2020). Nesse sentido, as rodas de conversa atuaram como momento de análise coletiva e criação de sentidos, fortalecendo vínculos e ampliando o entendimento crítico sobre temas como educação, saúde e artes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas de audioperformance sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos realizadas durante a Semana do Estudante pela UFRJ/PR7 e a oficina de colagem no ENECiências, com a curadoria da exposição “Corpos em Trânsitos” no Centro Cultural do Ministério da Saúde CCMS, evidenciaram a potência das linguagens artísticas como mediações de artes, educação e saúde. Essas experiências, construídas coletivamente, possibilitaram não apenas a expressão criativa de vivências e subjetividades atravessadas por questões de gênero, sexualidade e cuidado, mas também abriram caminhos para reflexões críticas sobre os corpos, seus direitos e suas resistências nos espaços institucionais.

Os desdobramentos dessas oficinas revelam tudo o que podem as artes no diálogo em educação e saúde, sua mobilização e seu contexto formativo, ativando espaços de diálogo onde saberes acadêmicos, populares e afetivos se entrecruzam, contribuindo para a análise desse estudo e para outras práticas educativas emancipadoras, fortalecendo o direito à saúde integral.

Essas discussões, das artes, em sua potência estética, política e sensível, emergem como força capaz de desestabilizar epistemologias normativas que ainda estruturam os campos da educação e da saúde. Quando mobilizada a partir dos corpos dissidentes, ela não apenas tenciona os regimes de saber e poder que naturalizam desigualdades, mas também abre frestas para a invenção de outros modos de existir, aprender, cuidar e estar no mundo.

As travessias aqui traçadas entre arte, corpo, território e cuidado revelam que não se trata apenas de incluir corpos historicamente marginalizados nos modelos já dados, mas de transformar radicalmente as formas de produzir conhecimento, cuidado e relações.

Propor uma educação e uma saúde, sensíveis às diferenças, às dissidências e à poética da vida é, sobretudo, reconhecer que o cuidado não se restringe ao âmbito biomédico, nem o ensino à transmissão de conteúdo. Cuidar e educar, nesses atravessamentos, são atos profundamente éticos, estéticos e políticos (Freire, 1996), que demandam escuta, presença, afetividade e abertura para aquilo que escapa às normas e aos padrões.

Tais ressalvas para Martins (2019), o conceito de saúde no campo da educação, perpassa pelas tensões políticas que visavam uma educação como uma ideia de controle e reprodução social, por outro lado, se existia a possibilidade de construir uma educação enquanto ato político, de transformação social e emancipação.

Portanto, refletir sobre os diálogos entre educação e saúde implica compreender que, embora historicamente moldados por práticas normativas, esses campos também são espaços férteis para a invenção de outras possibilidades de existência, aprendizagem e cuidado.

REFERÊNCIAS

Akotirene, C. (2018). O que é interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento: Justificando.

Angonese, M., & Lago, M. (2017). Direitos e saúde reprodutiva para a população de travestis e transexuais: abjeção e esterilidade simbólica. *Saúde & Sociedade*, 26(1), 256–270.

Bastos, V. C. (2020). Educação em saúde menor: análise de uma proposta de experimentação diante a epidemia de HIV e Aids. In W. Faleiro, S. P. Santos, & A. Sangalli (Orgs.), *Ciências da Natureza para a diversidade* (pp. 212–240). Goiânia: Kelps.

Barros, R. B. D. (2019). Arte, educação e saúde: potências dos encontros sensíveis na produção de conhecimentos. *Revista Interfaces*, 7(2), 45–58.

Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.

Bispo, A. D. S. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama.

Brail. Ministério da Saúde. (2013). *Política Nacional de Saúde Integral LGBT: princípios, diretrizes e recomendações*. Brasília: Ministério da Saúde.

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bogdan, R., & Biklen, S. (2010). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos* (12ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Carvalho, D. F. (2024). Arte contemporânea e educação em Ciências. *Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática*, 4, e24010. https://doi.org/10.70860/RIEcim.2764-2534.2024.v4.19309.

Dewey, J. (2010). *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes.

Deslandes, S. F. (2002). Humanização dos cuidados em saúde: conceito, pressupostos e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(1), 9–18.

Falkenberg, M. B., Mendes, T. P. L., Moraes, E. P., & Souza, E. M. (2014). Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações na saúde coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3).

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.

Franco Carvalho, D., Costa, M. O., Alves, M. C., Oliveira, C. B. De, & Aikawa, M. (2025). Arte, biologia e vidas como forças propulsoras de possíveis perante o Antropoceno. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 18(n. esp. 1), 63–81. https://doi.org/10.46667/renbio.v18inesp.1.2147.

Freire, P. (1987). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Hooks, B. (2018). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Martins, I. (2019). Educação em ciências e educação em saúde: breves apontamentos sobre histórias, práticas e possibilidades de articulação. *Ciência & Educação*, 25(2), 269–275.

Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó.

Nogueira, C. R., & Jesus, W. L. (2020). Corpos (em) cena: arte, saúde e educação em tempos de resistências. *Educação & Realidade*, 45. https://www.scielo.br/j/edreal.

Nolasco, M. (2025, junho 6). Cineclube debate diversidade e cuidado humanizado no SUS. *Notícias CCMS*. http://www.ccms.saude.gov.br/noticias/cineclube-debate-diversidade-e-cuidado-humanizado-no-sus.

Onocko-Campos, R. T., & Furtado, J. (2006). Desafios para a formação em saúde mental: a construção de novas práticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(3), 97–105.

Schölsse, T. C., & Pereira, P. B. (2018). Representações midiáticas de corpo, gênero e sexualidade: uma análise da série *Orange Is the New Black*. *ACTIO*, 3(3), 285.

Preciado, P. B. (2014). *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições.

Rancière, J. (2009). *O partilhamento do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34.

Tsing, A. L. (2005). *Friction: An ethnography of global connection*. Princeton: Princeton University Press.

Vasconcelos, E. (2009). *Educação popular: construção e desafios*. São Paulo: Loyola.

Veloso, V. G., & C. M. P. (2024). Barreiras e facilitadores do acesso de populações vulneráveis à PrEP no Brasil: Estudo ImPrEP Stakeholders. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(1).

Recebido: 24 nov. 2025
Aprovado: 30 mar. 2026
DOI: https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.20906

Como citar:
Abreu, A. dos. S. A de & Maciel, L. M.. (2026). Travessias dissidentes: o que podem as artes no encontro com a educação e a saúde?. ***ACTIO***, 11(2), 1-19. https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.20906

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

Received: Nov. 24, 2025
Approved: Mar. 30, 2026
DOI: https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.20906

How to cite:
Abreu, A. dos. S. A de & Maciel, L. M. (2026). Dissident crossings: what can the arts do in their encounter with education and health?. ***ACTIO***, 11(2), 1-19. https://doi.org/10.3895/actio.v11n2.20906

Copyright: This article is licensed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.